

## EDITORIAL

### DECISÃO

Devidamente no segundo semestre, renovam-se os embates dos docentes frente a um governo em crise perpétua. Nesta edição, mostramos um pouco de como foram os atos contra o Future-se no dia 13 de agosto. O Programa sem dúvida tem sido o tema mais comentado entre professores e alunos e se revela cada vez mais como uma estratégia do Governo Federal para enfraquecer as combatidas universidades públicas federais. De fato, este será o mês decisivo: o ministro Weintraub disse que voltará atrás nos cortes se a economia "reagir" ao passo que várias universidades, incluindo a UFG, já publicaram cartas abertas declarando que não têm recursos para chegar ao mês de outubro. É uma preocupação que está na mente dos estudantes. Nesta edição também trazemos entrevista com o novo presidente da UNE, Iago Montalvão, realizada pouco depois de sua vitória. Iago reitera a gravidade do período e o enorme temor que toma conta dos graduandos e pós-graduandos em todo o Brasil. Trazemos matéria sobre o XV Encontro Nacional da Proifes, em que muito foi discutido, especialmente maneiras de como o movimento sindical docente pode se integrar na luta em defesa da educação. Falando em luta, repercutimos em nossas páginas centrais a cobertura da Marcha das Margaridas, evento quadrienal que reúne milhares de mulheres de todo o País tendo como pauta principal a defesa e os direitos da mulher do campo aliada a pautas de preservação do meio ambiente. Por fim, trazemos o perfil do professor Robson Corrêa de Camargo, um dos pioneiros do curso de Artes Cênicas na UFG e que também se esforçou para implantar um programa de pós-graduação interdisciplinar por aqui. Boa leitura!

**Redação:** (62) 3202-1280

jornaldoprofessor.adufg@gmail.com

## MULHERES NA LUTA

### Marchando por direitos: Marcha das Margaridas reúne milhares de pessoas em Brasília

Páginas 8 e 9

Foto: Luciana Porto



### Estudantes

Conversamos com o novo presidente da UNE, Iago Montalvão, sobre o movimento estudantil em tempos de contingenciamento

Página 13

### MÚSICA

Orquestra Barroca da UFG traz do século XVIII repertórios de Vivaldi, Bach e muito mais

Página 12



Foto: José Abirão

### Trajetória

O professor Robson Corrêa de Camargo criou o Grupo Máskara, conhecido pelas peças de Samuel Beckett assim como a pós-graduação em Performances Culturais

Página 16

### PROTESTO

A agenda de manifestações contra os cortes e demais ações do MEC continua. Veja nossa galeria de fotos de como foi o ato do dia 13 de agosto.

Página 7

### Proifes-federação

Encontro nacional da federação debateu o Future-se e outras questões pertinentes à carreira docente

Página 6

**prestação de contas****Maio de 2019**

<b>1 Arrecadação, Rendimentos Financeiros e Outros</b>		
1.1	Contribuição Filiados - Mensalidades	0,00
1.2	Ingressos, Eventos e Festas	76,00
1.3	Receita com Pró Labore Seguro de Vida	1.478,88
1.4	Receitas Financeiras	23.256,96
1.5	Outras Receitas	1.484,31
1.6	Resgate de aplicações financeiras	35.159,99
1.6.1	IRRF/IOF sobre Resgate de aplicações financeiras (-)	77,79
<b>Total R\$</b>		<b>61.378,35</b>

<b>2 Custos e Despesas Operacionais</b>		
2.1	Despesas com Pessoal	
2.1.1	Salários e Ordenados	18.653,90
2.1.2	Encargos Sociais	37.435,41
2.1.3	Seguro de Vida	787,68
2.1.4	Outras Despesas com Pessoal	1.326,67
2.1.5	Ginástica Laboral	700,00
2.1.6	Férias, 13º salário e Rescisões	5.253,83
2.1.7	PIS s/ Folha de Pagto.	919,41
<b>Total R\$</b>		<b>65.076,90</b>

<b>2.2 Serviços Prestados por Terceiros</b>		
2.2.1	Cessão de Uso de Software	2.242,30
2.2.2	Despesas com Correios	3.738,68
2.2.3	Energia Elétrica	4.256,35
2.2.4	Honorários Advocáticos	12.000,00
2.2.5	Honorários Contábeis	3.942,00
2.2.6	Locação de Equipamentos	400,00
2.2.7	Serviços Gráficos	1.630,00
2.2.8	Honorários de Auditoria	0,00
2.2.9	Tarifas Telefônicas e Internet	3.034,81
2.2.10	Hospedagem/manutenção/layout do site	438,07
2.2.11	Vigilância e Segurança	443,17
2.2.12	Comunicação/Rádio/TV/Jornal	0,00
2.2.13	Serviços de Informática	2.520,00
2.2.14	Outros Serviços de Terceiros	0,00
2.2.15	Água e Esgoto	692,87
<b>Total R\$</b>		<b>35.338,25</b>

<b>2.3 Despesas Gerais</b>		
2.3.1	Combustíveis e Lubrificantes	4.383,81
2.3.2	Despesas com Táxi	455,17
2.3.3	Despesas com Coral	1.408,14
2.3.4	Despesas com Grupo Travessias	4.133,10
2.3.5	Diárias de Viagens	9.931,95
2.3.6	Tarifas Bancárias	917,14
2.3.7	Lanches e Refeições	3.436,80
2.3.8	Quintart	8.640,84
2.3.9	Patrocínios e Doações	22.608,50
2.3.10	Manutenção de Veículos	1.320,12
2.3.11	Festa do Professor	0,00
2.3.12	Festa Final de Ano	0,00
2.3.13	Passagens Aéreas e Terrestres	4.273,27
2.3.14	Gêneros de Alimentação e Copa	1.597,78
2.3.15	Despesas com manutenção Sede Campestre	8.383,68
2.3.16	Hospedagens Hotéis	4.064,37
2.3.17	Material de expediente	1.641,15
2.3.18	Outras despesas diversas	3.030,53
2.3.19	Manutenção e Conservação	5.504,22
2.3.20	Homenagens e Condecorações	220,00
2.3.21	Despesas com Sede Adm. Jataí	7.173,99
2.3.22	Despesas com Sede Adm. Catalão	2.161,79
2.3.22	Despesas com cursos para aposentados	0,00
2.3.23	Cópias e autenticações	0,00
2.3.24	Sabadart/Festa do Professor Jataí	0,00
2.3.25	Evento "Mais Sindicato" - Catalão	0,00
2.3.26	Despesas com Manifestações	5.200,00
2.3.27	Encontro Nacional PROIFES-FEDERAÇÃO	0,00
2.3.28	Despesas com Espaço Saúde	795,00
2.3.29	Despesas com atividades do Espaço Cultural	1.100,00
2.3.30	Despesas com processos jurídicos	1.165,56
<b>Total R\$</b>		<b>103.546,92</b>

<b>2.4 Despesas Tributárias</b>		
2.4.1	IR sobre Folha de Pagto/Férias/Rescisões	2.706,19
2.4.2	Outras Despesas Tributárias	203,24
<b>Total R\$</b>		<b>2.909,43</b>

<b>2.5 Repasse Fundo Social e Contribuições</b>		
2.5.1	Repasse para C/C Fundo Social	0,00
2.5.2	CUT - Central Única dos Trabalhadores	0,00
2.5.3	Proifes Federação	0,00
<b>Total R\$</b>		<b>0,00</b>

<b>Total Geral dos Custos e Despesas Operacionais R\$</b>	<b>206.871,50</b>
<b>3 Resultado do exercício 05.2019 (1-2)</b>	<b>-145.493,15</b>

<b>4 Atividades de Investimentos</b>		
4.1	Imobilizado	
4.1.1	Construções e Edificações	0,00
4.1.2	Máquinas e Equipamentos	0,00
4.1.3	Veículos	0,00
4.1.4	Móveis e Utensílios	0,00
4.1.5	Computadores e Periféricos	369,00
4.1.6	Outras Imobilizações	0,00
<b>Total R\$</b>		<b>369,00</b>

<b>4.2 Intangível</b>		
4.2.1	Programas de Computador	0,00
4.2.2	Investimentos com Marcas e Patentes	0,00
<b>Total R\$</b>		<b>0,00</b>

<b>4.3 Aplicações Financeiras</b>		
4.3.1	Aplicação CDB	40,00
<b>Total R\$</b>		<b>40,00</b>

<b>Total Geral dos Investimentos R\$</b>	<b>409,00</b>
<b>5 Resultado Geral do exercício 05.2019 (3-4)</b>	<b>-145.902,15</b>

Os valores contidos nestes relatórios estão por Regime de Caixa. Regime de caixa é o regime contábil que apropria as receitas e despesas no período de seu recebimento ou pagamento, respectivamente, independentemente do momento em que são realizadas.

**INFORME JURÍDICO****PROFESSORA SINDICALIZADA É REMOVIDA PARA UFSC**

Uma professora da UFG, no dia 16 de agosto de 2019, teve seu pedido de remoção para UFSC deferido pela 4ª Turma do Tribunal Regional Federal da 4ª Região. A professora sindicalizada foi removida para acompanhar seu companheiro, servidor público transferido no interesse da Administração para trabalhar nos correios de Florianópolis-SC.

A docente ingressou com pedido administrativo em ambas Universidades, que negaram seu pedido alegando que cada universidade federal possui um quadro próprio de servidores, de forma que a remoção poderia se dar apenas no âmbito de cada universidade.

Através da Assessoria Jurídica do Adufg-Sindicato, a docente ingressou com ação pedindo sua remoção para UFSC, deferida parcialmente pelo juiz da 4ª Vara Federal de Florianópolis e totalmente deferida pela 4ª Turma do TRF da 4ª Região (RS).

Os servidores públicos federais têm o direito subjetivo de serem removidos para acompanhar seu cônjuge ou companheiro transferidos no interesse da Administração.

O entendimento da Justiça se firmou que, para fins de remoção, há que se interpretar como um único quadro de professores vinculados ao MEC, não procedendo a negativa da UFG e da UFSC.

A Justiça também entende que o direito de remoção se estende a redistribuição de empregados públicos (celetistas), visando a preservação da família.

Para o assessor jurídico do sindicato, Igor Escher, a decisão reafirma o entendimento consolidado do Superior Tribunal de Justiça, que determinou que as Universidades têm de considerar, quando solicitada a remoção, como um único quadro de professores federais vinculados ao MEC, não podendo as Universidades obstar o direito de remoção sob alegação de quadros distintos.

O advogado Igor Escher afirma que “a remoção, nesses casos, é um direito pessoal do servidor, independente do interesse das Universidades, vez que há o dever constitucional do Poder Público em promover e manter a unidade familiar.

Não se pode permitir que o interesse individual do empregador, mesmo sendo a Administração Pública, sobrepor-se ao interesse familiar”.

Atenciosamente,

Igor Escher Pires Martins.



19ª Diretoria Executiva  
Sindicato dos Docentes das  
Universidades Federais de Goiás

**Flávio Alves da Silva**  
Diretor Presidente

**Walmirton Tadeu D' Alessandro**  
Diretor Vice-Presidente  
e de Comunicação

**Veridiana Maria Brianezi D. de Moura**  
Diretora-Secretária

**Daniel Christino**  
Diretor de Promoções Sociais,  
Culturais e Científicas

**João Batista de Deus**  
Diretor Administrativo

**Geovana Reis**  
Diretora de Assuntos Educacionais,  
de Carreira e do Magistério Superior

**Thyago Carvalho Marques**  
Diretor Financeiro

**Ana Christina de Andrade Kratz**  
Diretora de Convênios e de  
Assuntos Jurídicos

**Abraão Garcia Gomes**  
Diretor de Assuntos de  
Aposentadoria e Pensão

**Luis Antônio Serrão Contim**  
Diretor para Assuntos Interinstitucionais

**Jornal do Professor**

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DOS  
DOCENTES DAS UNIVERSIDADES  
FEDERAIS DE GOIÁS

ANO VII - Nº 60

SETEMBRO de 2019

Professor Juarez Ferraz de Maia  
**Idealizador do projeto**

Cleomar Nogueira  
**Projeto gráfico original**

Monique Arruda (JP 2290 GO)  
**Editor responsável**

José Abrão (JP 3331 GO)  
**Edição e reportagem**

Luciana Porto (JP 3175 GO)  
**Reportagem**

Guilherme Fernandes  
Jean Souza  
**Estagiários**

**Diagramação:** Thamires Vieira

**Data de fechamento:** 03/09/2019

**Tiragem:** 3.000 exemplares

**Impressão:** Stylo Gráfica

[jornaldoprofessor.adufg@gmail.com](mailto:jornaldoprofessor.adufg@gmail.com)

9ª Avenida, 193, Leste Vila Nova -  
Goiânia - Goiás - (62) 3202-1280

**Acompanhe nossas redes sociais:**  
@adufgsindicato

[www.adufg.org.br](http://www.adufg.org.br)



**Maria Margarida Machado\***

## Entendendo a origem da acusação de “doutrinação marxista” - Parte II

Retomando nossa reflexão sobre o tema, dedico nesta segunda parte um espaço para explorar um pouco do pensamento daquele que é hoje, sem sombra de dúvidas, o exemplo mais em voga nas discussões sobre educação e a doutrinação marxista que é Paulo Freire. O educador brasileiro mais “acusado” desta chamada doutrinação e, a julgar pelos discursos inflamados que vi e ouvi nas chamadas “redes sociais”, menos lido por seus inquisidores... Creio que o mesmo poderia ser constatado se fôssemos nos dedicar a Marx e Gramsci, só para ficar em dois pensadores marxistas, também muito em voga como referência, quando se quer polemizar com os discursos de esquerda e direita, vindos principalmente dos atuais representantes do executivo e do legislativo federais, mas não teremos espaço para essa reflexão neste artigo.

Sobre a biografia de Freire, creio não ser necessário retomar porque os professores universitários, diferentemente de um humorista prepotente e irresponsável como Danilo Gentili, têm acesso a estas informações de maneira segura em livros publicados e em sites dos centros e institutos que levam o nome deste educador no mundo inteiro. Mas, há uma informação que julgo ser fundamental reproduzir aqui, da própria fala de Freire, na última entrevista poucos dias antes de falecer, concedida à TV PUC de São Paulo.

Quando muito moço eu fui aos córregos do Recife, ao morros do Recife, às favelas... eu confesso que fui até lá movido por uma certa lealdade ao Cristo com quem eu era um certo camarada. Mas acontece que, quando chego lá, a realidade dura do favelado, a realidade dura do camponês, a negação do seu ser como gente... a negação da liberdade, aquilo tudo me remeteu a Marx (...) Quanto mais eu li Marx, tanto mais eu encontrei uma fundamentação objetiva para continuar camarada de Cristo... Eu fiquei com Marx na mundanidade a procura de Cristo na transcendentalidade.

Freire foi um pensador que se assumiu marxista e cristão, mesmo que para muitos marxistas ou cristãos isto seja impossível. Não creio que esta seja a preocupação central, quando nos ocupamos em pensar qual o sentido do trabalho e da obra dele para a educação no Brasil e no mundo. Volto a discussão do artigo anterior, para lembrar que há muita “cortina de fumaça” em torno do que é dito sobre ser ou não freiriano; sobre o pensamento de Freire estar ou não dominando as políticas implementadas pelo MEC; sobre a educação pública brasileira estar influenciada por um método comunista, que prega a revolução pela luta armada, desde a educação infantil à pós-graduação... Quanta asneira!

Oxalá fosse um décimo do que dizem... Exceto, no que concerne às armas... porque a única que cabe numa escola é esta: CONHECIMENTO. Eu desejaria ver o pensamento de Freire inquietando todos os educadores, gestores e estudantes no mundo. Não como verdade e dogma, mas como um convite ao exercício do pensar. Creio que a prova mais evidente de que isto não é verdade é o fato de termos a participação de educadores, gestores e estudantes deste País no atual cenário obscurantista da disputa das narrativas.

Por outro lado, o ataque deliberado à educação pública, por parte destes que representam não apenas nos espaços de poder, mas na sociedade, o conservadorismo, o autoritarismo e a ne-

gação de direitos básicos da existência humana, indica que algo foi feito nas últimas décadas e, por pouco que seja, incomodou. Uma onda conservadora, na história da humanidade, só se levanta para conter algo que se apresentou como ameaça ao status quo. O que trago da leitura de Freire, para fechar esta reflexão, é exatamente sua análise da realidade de um Brasil em transição que se via pressionado por reivindicações, por lutas em prol do acesso a uma escola que fosse espaço de produção de um saber significativo.

Esta análise encontra-se no livro Educação como Prática da Liberdade (FREIRE, 1967), onde nas páginas 90 a 92 o autor explicita sua percepção sobre o País antes do Golpe Militar de 1964, e o que considerava o processo de rebelião em curso como a oportunidade de inserção crítica do povo na construção da história do Brasil. É nesta conjuntura que Freire reafirma ao povo uma educação, como espaço:

“(…) Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro.” (p. 90)

Freire defendia a necessidade de mulheres e homens se identificarem com métodos e processos científicos, “ouvindo, perguntando, investigando”. Essa educação contribuiria para que o povo pudesse ser, cada vez mais, consciente de sua transitividade e, criticamente, inserir-se no processo de transformação da realidade: “Entre nós, repita-se, a educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude. De criação de disposições democráticas através da qual se substituíssem no brasileiro, antigos e culturológicos hábitos de passividade(…)”. (p. 94)

Para finalizar, quero destacar o que Freire aprendeu sobre o ser humano e sua relação com a aprendizagem: “Ninguém ignora tudo. Ninguém tudo sabe. A absolutização da ignorância, ademais de ser a manifestação de uma consciência ingênua da ignorância e do saber, é instrumento de que se serve a consciência dominadora para a manipulação dos chamados “incultos”. (p. 104). Creio que pensar o sujeito, a educação, a sociedade desta forma, não deve mesmo agradar a todo mundo.

Considerando os suspiros de democracia ainda existentes, creio que a tarefa dita por Marx, de transformarmos o mundo, ainda está nas nossas mãos e, sem dúvida, para nós educadores ela passa pelo exercício de “encarnar as palavras”, como disse Eliane Brum, dia 12/04/2019 no El País. O chamado é a voltar a “encarnar as palavras ou enlouqueceremos todos”. Este jornal é um lugar para isto, mas precisamos incarnar as palavras fora das nossas bolhas... talvez este seja o processo mais desafiador. “São as palavras que nos arrancam da barbárie”. A universidade pública que eles tentam destruir resistirá por nossas mãos. Temos a consciência de que o conhecimento é a nossa maior arma.

*\*Professora titular da Faculdade de Educação. Graduada em História, mestre e doutora em Educação. Membro do Fórum Goiano de Educação de Jovens e Adultos.*



Raquel Mourão  
Brasil\*

## A Geni da vez na academia: o revisor de texto científico

A defesa de um trabalho acadêmico, seja de que nível for, é um momento enriquecedor para o orientando. É quando os membros da banca apontam aspectos ainda obscuros do texto, contribuem com sugestões, mostram saídas a possíveis impasses, incongruências e/ou contradições, aprofundam saberes, no intuito de compartilhar seu conhecimento com aqueles que estão no limiar de se tornarem pesquisadores ou buscando galgar novos patamares no campo da investigação científica.

De especialistas, mestres e doutores, quando membros de uma banca de defesa (TCC, dissertação ou tese), espera-se, portanto, que contribuam para o crescimento intelectual do/a aspirante a um título acadêmico. Por isso, mais do que apontar erros, o desejável é que apontem caminhos, comuniquem saberes, atentos ao real significado dos conceitos de educar, educador e educando, e de seus papéis de mediadores do conhecimento.

Esse “nariz de cera”, como se diz no jornalismo que se quer imparcial e objetivo, introduz uma questão cada vez mais comum durante as defesas: o repentino apego de determinados membros de bancas às normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). E isso é errado? Claro que não. Tudo que contribua para enriquecer um trabalho é bem-vindo, desde que as observações: não sejam mais um elemento gerador de estresse para quem submete sua pesquisa à apreciação da banca; sejam orientadas por uma opinião crítica que agregue valor ao trabalho; e, sobretudo, que estejam realmente embasadas nas normas da ABNT. Em relação a esse último item, infelizmente não é o que ocorre na maioria das vezes.

Alguns exemplos podem ser enumerados a título de ilustração. Um professor membro de uma banca disse à aspirante a doutora que se um determinado autor e/ou a citação de sua fala surgirem três ou quatro vezes em um mesmo parágrafo, em todas elas devem ser colocados o seu sobrenome, o ano de publicação da obra e o número da página de onde foi tirada a citação (literal ou não), mesmo se não houver referência a nenhum outro autor no mesmo trecho. O professor enfatizou que tal procedimento estava na “última norma da ABNT”, lançada no fim do ano passado. Procede? Não, porque a última edição das normas da ABNT (NBR 6023:2018) não tem um item sequer dedicado à referência a um mesmo autor em um mesmo parágrafo. Tampouco a anterior. Enquanto isso não mudar, basta citar, nas referências posteriores à primeira identificação autor/ano, a página de onde foi tirada a citação. Existiria margem para dúvida? Só se o leitor não estiver atento ao que lê, pois, conforme dito anteriormente, nenhum outro autor é citado no parágrafo.

Outro professor encasquetou que o tempo do verbo usado pela doutoranda no texto (presente do indicativo) deveria ser o pretérito perfeito, considerando-se que os autores citados haviam escrito suas reflexões há muito tempo. Existe alguma regra gramatical que rejeite o tempo verbal de um texto científico? Não, não existe, e exatamente por

isso não se pode asseverar que o uso de um tempo verbal seja mais adequado que outro. No entanto, há de se considerar que não é a antiguidade de um estudo ou pesquisa que determina o tempo do verbo, e sim a sua relevância na atualidade. E quantos autores de séculos anteriores existem cujas reflexões ainda são pertinentes, dada a sua importância para a compreensão do momento histórico atual? Talvez a maioria. Por que então a obrigatoriedade de dizer que “fulano afirmou” se tudo que ele “afirma” continua válido? A recíproca, no entanto, é verdadeira. Em estudos cujos resultados já foram superados, às vezes por pesquisas subsequentes do próprio autor, é mais adequado (e não necessariamente obrigatório) o uso do pretérito.

Em outra defesa, uma professora foi peremptória: a aluna de mestrado havia nomeado erroneamente os autores que possuíam o mesmo sobrenome. Conforme explicou, o prenome do autor deveria

vir por extenso, e não somente a inicial. Ao ouvir que a mestranda havia pago uma revisora para adequar o texto às normas da ABNT, a professora não teve nenhum pejo em fazer troça: “Ah, então ela deve ter usado a ferramenta do Word para referências”. Duas questões ressaltam da postura da professora: 1) ela estava errada. Conforme a ABNT, só se usam os prenomes dos autores por extenso quando as iniciais também forem as mesmas, ou seja, se começarem com a mesma letra; 2) ela lançou suspeição sobre o trabalho de uma profissional, isto é, não hesitou em desqualificar outra trabalhadora que provavelmente considera estar de graus abaixo no seu particular “ranking de sabedoria” (na toada em que as coisas andam, algum dia ainda vão sacramentar o que existe apenas no ego de alguns).

Só para encerrar (a lista é extensa), um último exemplo. Quebrando a liturgia do evento, uma professora da banca dirigiu-se direta e nominalmente ao revisor – que assistia à defesa – para dizer-lhe que “o uso de ‘deve ser’ é errado”. Faltou clareza à professora ao tentar explicar sua ojeriza pelo uso do verbo dever como

auxiliar, limitando-se apenas a recomendar à doutoranda que o desterrasse para a conclusão da tese. Todavia, ressaltam do episódio tanto o inusitado da cena como a desautorização pública a que foi submetido ao revisor. Como diz Foucault, o poder se manifesta sob todas as formas e em todos os lugares.

Recomenda o bom senso que todo ruído que venha a poluir um ambiente, sobretudo o de uma defesa acadêmica, deve ser evitado. É de vital importância o respeito à alteridade na constituição do saber. Informar-se mais a respeito do que se diz com tanta pompa e circunstância também. Mas, pelo menos até que a moda de malhar o/a revisor/a passe (todas elas passam), tal situação parece ter vindo para perdurar. Afinal, “ela é feita para apanhar/ ela é boa de cuspir/ Maldita Geni!” (Geni e o Zepelim, de Chico Buarque).

\* Raquel Mourão Brasil, professora aposentada da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da UFG, há alguns anos se dedica com muita seriedade à revisão de textos científicos.

“Recomenda o bom senso que todo ruído que venha a poluir um ambiente, sobretudo o de uma defesa acadêmica, deve ser evitado.”

# RESPINGOS

Notícias do movimento docente, da vida na UFG e de questões jurídicas sobre o magistério superior

Por Daniel Christino

## Desbloqueio

O presidente da Andifes, João Carlos Salles (UFBA), e outros reitores, participaram de encontro agendado por parlamentares, com o Ministro da Educação para tratar do descontingenciamento e desbloqueio do orçamento das universidades federais em meados de agosto deste ano. O ministro reconheceu que a situação econômica do País exigiu um contingenciamento que limitou as ações no MEC e nas universidades. Mas disse também que a arrecadação melhor no mês de agosto, junto com o recebimento de dividendos por parte do Governo Federal, permitirá um desbloqueio a partir de setembro. A expectativa é de que neste mês os recursos sejam desbloqueados e a Lei Orçamentária Anual (LOA) de 2019 seja plenamente executada e suplementada se necessário.

## Repasse

O MEC pode alterar a maneira como distribui os recursos para as universidades federais. Hoje, a verba é repassada de acordo com um cálculo que envolve número de alunos e a qualidade acadêmica. A proposta que o MEC avalia, segundo reportagem publicada pelo Estadão, prevê mais dinheiro para as que tiverem melhor desempenho em indicadores como governança, inovação e empregabilidade. Ao jornal impresso, o secretário de Educação Superior do MEC, Arnaldo Lima Junior, afirmou que “temos gasto de R\$ 75 mil por aluno na Unifesp e na UFRJ contra R\$ 30 mil em universidades do Norte e Nordeste. Não é uma questão de ir contra a UFRJ, mas de ir a favor daquelas que precisam mais”, defendeu Lima.

## UEG

Com falta de repasses, a situação de conservação do campus Laranjeiras, em Goiânia, da Universidade Estadual de Goiás se agrava. Segundo reportagem do jornal Opção, alunos denunciaram que o lugar foi tomado pelo capim e depois pelo fogo em uma queimada ocorrida no final de agosto. Há mais de um ano o campus estaria sem roçagem e outros serviços de manutenção.

## Degradação

Outro lugar abandonado é a quadra poliesportiva que parece ter saído de um filme pós-apocalíptico: está tomada por penas, pombos mortos e fezes, já que o lugar virou um pombal. Segundo os estudantes, a falta de manutenção está reduzindo os espaços de convivência e atividades.

## 2%

A adequação à Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), em tramitação na Assembleia Legislativa, inclui redução dos recursos da Educação de 27% para 25%. A diferença está exatamente ligada aos 2%, antes exclusivos para a UEG.

## Lawfare

O Adufg-Sindicato realiza em parceria com a Faculdade de Direito da UFG o Painel de debate sobre Lawfare nos dias 11 e 12 de setembro, no Centro de Cultura e Eventos Professor Ricardo Freua Bufaiçal. Entre os convidados estão o governador do estado do Maranhão, Flávio Dino; o editor-chefe do site The Intercept Brasil, Leandro Demori e ex- ministro da Justiça Eugênio Aragão.

## BLOQUEIO

As universidades federais afirmam que só têm verba para continuar funcionando até este mês de setembro e que os recursos disponíveis não são suficientes para pagar todas as contas, muito menos chegar até o final do ano letivo. Das 63 federais do País, 37 responderam à reportagem do jornal Estadão, dizendo que estão nesta situação mesmo após adotarem medidas para cortar gastos. O MEC liberou para as universidades 58% do orçamento originalmente previsto para este ano. Como 30% do recurso está bloqueado, elas ainda têm para receber este ano cerca de 12% do total original. Mas parte dessa verba de custeio não bloqueada (e ainda não liberada) está reservada para assistência estudantil - como bolsas, moradias e transportes. Procurado, o MEC disse em nota, que está disposto apenas a “intermediar a resolução de questões pontuais de liberação de limite de orçamento”.

## Paulinho da Viola

Os ingressos adquiridos pelo Adufg-Sindicato para o show de Paulinho da Viola estão esgotados. O artista se apresenta no dia 17 de setembro em comemoração aos dez anos do Música no Câmpus, no Centro de Cultura e Eventos Prof. Ricardo Freua Bufaiçal, a partir das 20h30. Como nas outras edições do Projeto, o Sindicato cedeu para professores sindicalizados 100 convites.

## Homenagem

A Assembleia Legislativa de Goiás realizou uma sessão especial extraordinária em homenagem ao Dia do Estudante. A solenidade prestigiou pessoas que marcaram história no movimento estudantil e que ainda contribuem com as lutas empreendidas pelos estudantes. Entre os homenageados esteve o ex-presidente do Adufg, professor Romualdo Pessoa.

## Falecimento

Faleceu no início de agosto a professora Custódia Selma Sena do Amaral doutora em Antropologia e docente da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da UFG. A docente foi coautora da curadoria da exposição permanente do Museu Antropológico, Lavras e Louvores, que instiga uma reflexão densa sobre a noção do sertão e sua importância na identidade regional e brasileira. Foi também idealizadora e articuladora da instituição do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) na UFG, tendo sido sua primeira coordenadora.

## Adesão

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, disse que acredita que ¼ das universidades federais vão aderir ao Future-se. Ao Estadão, ele declarou que os reitores que se manifestaram contra o Programa são “pessoal militante politicamente”, que são aqueles que “gritam e falam mais”, afirmando: “Uma parte dos reitores veio do passado e tem ligação com PSTU, PSOL, PT, essas coisas maravilhosas”. Porém, o titular da pasta não revelou quais instituições teriam sinalizado para o MEC que vão aderir.

## Teto

Segundo o Globo, o ministro da Economia, Paulo Guedes, disse em palestra que é inconcebível subir o teto dos gastos e sinalizou para um cinto mais apertado em 2020. “Numa situação de aperto financeiro como a atual, subir o teto de gastos seria a coisa mais fácil a ser feita. Mas não vamos fazer isso. Vamos é quebrar o piso”, afirmou.

## Desempenho

Segundo matéria publicada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), no primeiro semestre de 2019, o Brasil atingiu sua segunda melhor marca de impacto científico em 30 anos. O País alcançou já em junho a marca de 0,89. A maior foi verificada em 2016 (0,92), número referente ao ano inteiro.

## Lusa

Entre as várias declarações polêmicas do ministro da Educação, sobrou até para o time da Portuguesa. Isso mesmo! Ao criticar uma manifestação que reuniu milhares de pessoas em São Paulo, Abraham Weintraub disse que parecia a torcida do time e ainda zombou dos descendentes de portugueses, falando que ia faltar pão e que havia um congestionamento de Kombis na Avenida Paulista.

## Resposta

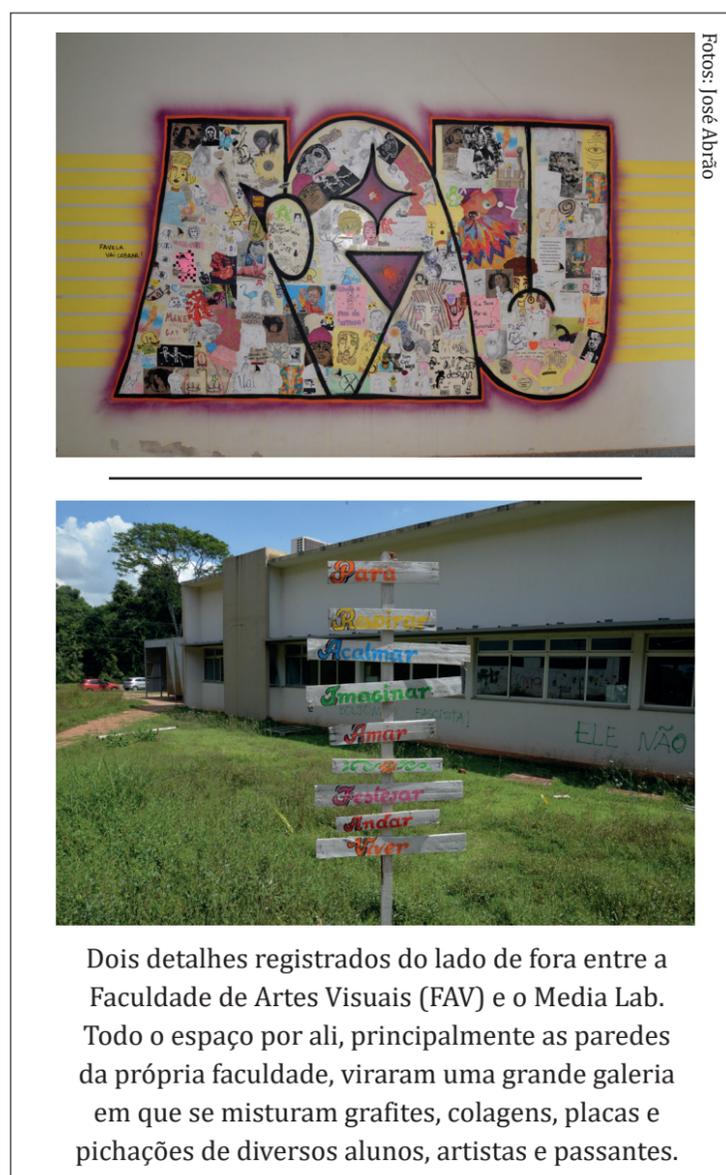
A Lusa, um dos times mais antigos e tradicionais de São Paulo, localizada no Canindé e que completou 99 anos de idade este ano, reagiu, e respondeu ao ministro diretamente, dizendo que ele deveria se preocupar com “temas mais nobres” do que fazer chacota com seus torcedores. O time também fez questão de corrigir o ministro, que além de zombeteiro é mal informado, e se referiu ao clube pelo nome errado: Portuguesa Futebol Clube e não Associação Portuguesa de Desportos.

## Falsos!

A UFG alerta que alguns professores estão recebendo e-mails com propostas falsas para participar de processos seletivos como coordenadores e auxiliares, com assinatura da Universidade Estadual do Amazonas. A Secretaria de Comunicação da UFG alerta que o objetivo provavelmente é de obter os dados pessoais e realizar depósito de quantias em dinheiro. Docentes, fiquem atentos para este golpe!

## Cancelado

O MEC cancelou o Prêmio Professores do Brasil que reconheceria professores de escolas de educação básica, etapa apontada como prioridade do governo Jair Bolsonaro. A premiação previa o reconhecimento de mais de 500 professores e a distribuição de R\$ 278 mil a profissionais de destaque. O prêmio de 2019 foi lançado em abril, na gestão do ministro Abraham Weintraub. Em maio, docentes já contemplados pelo prêmio estiveram com Weintraub e alguns deles ergueram livros do educador Paulo Freire.



Fotos: José Abrião

Dois detalhes registrados do lado de fora entre a Faculdade de Artes Visuais (FAV) e o Media Lab. Todo o espaço por ali, principalmente as paredes da própria faculdade, viraram uma grande galeria em que se misturam grafites, colagens, placas e pichações de diversos alunos, artistas e passantes.

# XV Encontro Nacional da Proifes-Federação é marcado por movimento contra o Future-se

Autonomia das universidades foi defendida pelos mais de 150 professores dos sindicatos federados

Fotos: Guilherme SF



*Docentes de instituições federais de Ensino Superior de todo o País e convidados do Brasil e América Latina debateram o futuro da Educação*

## Monique Arruda

Entre os dias 1º e 4 de agosto, Belém do Pará sediou a 15ª edição do Encontro Nacional da Proifes-Federação. Cerca de 150 professores de instituições federais de Ensino Superior de todo o País e 50 convidados, observadores do Brasil e da América Latina se reuniram para debater o futuro da Educação Superior pública diante de um contexto de ataques às universidades.

A abertura do Encontro contou com a presença dos representantes de instituições de peso como a Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras em Estabelecimentos de Ensino (Contee); Movimento Nacional dos Servidores Públicos Aposentados (MOSAP); Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE); Fórum Nacional Popular de Educação (FNPE); União Nacional dos Estudantes (UNE); Central Única dos Trabalhadores (CUT); Confederação Argentina de Docentes Universitários (CONADU). Além do reitor da Universidade Federal do Pará (UFPA), Emmanuel Tourinho.

Durante quatro dias de evento, docentes dos 15 sindicatos federados à Proifes apresentaram seus

textos e refletiram sobre o momento delicado que a Educação vivencia. O Adufg- Sindicato foi representado por seis delegados, os professores

“A implantação deste Programa eliminará fortemente a possibilidade de que se realize pesquisa de forma universal”.

Abrão Gomes, Luciana Elias, Romualdo Campos, Isaura da Silva, Edna Goya, Geovana Reis, todos eleitos por meio de votação popular. E, os observadores Daniel Christino, João Batista de Deus e Rosana Borges.

## Future-se

Com o alerta de que o “Future-se” compõe um projeto ancorado na iniciativa privada. Os docentes discutiram e se posicionaram contra o Projeto do governo federal que prevê o financiamento da Educação Superior. O presidente do Adufg, Flávio Alves Silva, explorou o texto “Sobre o projeto Future-se apresentado pelo MEC”, escrito pelo docente Geci José Pereira da

Silva. O material trouxe propostas objetivas para o enfrentamento ao Programa, suscitou o debate sobre as estratégias e apresentou uma

contraproposta.

No final do Encontro, todos aprovaram por unanimidade a Carta de Belém, na qual criticam duramente o Future-se. O documento completo pode ser acessado no site do Adufg. Para Flávio Alves da Silva, o recém-lançado projeto pretende flexibilizar a autonomia financeira e de gestão das universidades. “A implantação deste Programa eliminará fortemente a possibilidade de que se realize pesquisa de forma universal. Além disso, o Brasil não é compatível com a Emenda Constitucional 95 e nem com o Future-se. Não é possível aceitar que a produção do conhecimento, em sua dimensão mais ampla, fique na dependência da flutua-

ção e dos mecanismos especulativos de bolsas de valores. Não é possível aceitar caminhos que levem o Brasil à subalternidade, sem projeto estratégico de desenvolvimento científico, tecnológico, cultural e social. Não se trata aqui de exorcizar a interação – via de regra desejável e positiva – das Universidades e Institutos Federais com os mais diversos setores econômicos e sociais, mas de garantir a formação de profissionais altamente capacitados e, sobretudo, dotados de pensamento crítico – o que nem sempre será consoante com os interesses imediatistas do ‘mercado’”, reforçou.

## 15 anos

O evento também celebrou os 15 anos da Federação. O presidente da Proifes, Nilton Brandão, ressaltou o momento único que se realizou esta edição do Encontro Nacional. “Este é um tempo de ataques violentos à educação brasileira. Do ponto de vista político, as agressões à universidade talvez coroem os ataques aos direitos sociais no Brasil. Neste sentido, este Encontro foi um espaço fundamental para a reflexão sobre nossas dificuldades, apresentação de propostas e defesa do movimento sindical”.

# Manifestação reúne professores, estudantes e entidades sindicais contra o Future-se

José Abrão

Foram realizados no dia 13 de agosto protestos contra o governo Bolsonaro, o Future-se e os cortes na Educação em 204 cidades do Brasil, acumulando cerca de 900 mil pessoas, principalmente nas ruas das grandes capitais com mais público em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Brasília, Curitiba, Belo Horizonte e Recife. O Adufg-Sindicato esteve presente no protesto em Goiânia, que ocorreu na Praça Universitária, junto com estudantes, professores e outras entidades sindicais.

Desta vez, a manifestação foi marcada pela pauta do Future-se, que preocupa tanto professores quanto alunos. “O Future-se é uma forma de controle estatal dentro da universidade. É o primeiro passo para a precarização do ensino para abrir espaço para uma futura privatização”, disse Matheus Augusto, aluno de História da UFG, “o Programa busca a captação de recursos privados para pesquisa, tirando total responsabilidade do governo de fazer pesquisa e pesquisadores. É uma vergonha, é tecnicamente acabar com a educação pública, autônoma”.

“Tudo que é do povo está sendo atacado. Eu sinto que os professores, os alunos, precisam se unir, mais do que nunca, contra esse Projeto de destruição da universidade pública. O Future-se, eu li com muito cuidado, e é uma proposta vaga mas que nos mostra, em essência, que querem privatizar as universidades, tirar a autonomia, entregar para as Organizações Sociais (OSs) e acabar com os concursos públicos. Isto é o fim da universidade”, disse o professor Edgar Franco, da Faculdade de Artes Visuais (FAV). O professor do Instituto de Ciências Biológicas (ICB), José Alexandre Felizola, concorda: “A gente voltou pra uma visão desenvolvimentista dos anos de 1940, sem as concepções de equilíbrio ambiental e biodiversidade, em prol de uma destruição em nome do progresso, uma visão que não é condizente com o mundo moderno. Quanto ao Future-se, você claramente tem um mecanismo de desmonte sob uma roupagem de coisas que são bacanas: aumentar eficiência, internacionalização, parcerias com o setor privado e produtivo. São palavras mágicas que são legais, mas quem está propondo isso ao mesmo tempo está sucateamento

Protesto ocorreu em várias cidades e dá continuidade à agenda contra os retrocessos na Educação feitos pelo Governo Federal



Fotos: Jean Souza



Professores e alunos marcaram presença em mais um ato em defesa da Educação

e estrangulando a educação, vindo deste governo, então não faz sentido. Por trás do Future-se você tem, na melhor das hipóteses, um projeto de precarização”.

Após concentração na Praça Universitária, o ato saiu em marcha pela Rua 10 até a Praça Cívica e de lá desceu a Avenida Goiás até a Praça do Bandeirante. Não houve incidentes e os manifestantes se dispersaram por volta das 19 horas.

## Diretoria Presente

Entre os participantes do ato e da marcha estiveram professores da diretoria do Adufg-Sindicato, que também se posicionaram contra o Future-se. “Estamos nos organizando contra as ações que este governo têm tomado em relação à educação, e no caso da universidade em particular, em especial sobre o Future-se”, disse a diretora de Assuntos Educacionais, de Carreira e do Magistério Superior, Geovana Reis, “o governo tenta apresentar uma proposta alternativa de financiamento e gestão da universidade pública brasileira que, na prática, retoma situações ou projetos muito antigos de desmonte e privatização da universidade pública. É um Programa muito ruim para a universidade pública que, se aprovado, pode fazer com que ela desapareça no médio prazo”.

“Há uma questão muito preocupante no Future-se em relação à autonomia da universidade”, disse o diretor Administrativo, professor João Batista de Deus, “ele propõe que toda a gestão financeira saia da universidade, então quem controla essa gestão que decide para onde vão os recursos. Quem deve decidir para onde vão os recursos para a ciência são os cientistas e não os burocratas”.

## Inconsistência Jurídica

Por fim, o presidente do Adufg-Sindicato, Flávio Alves da Silva, chamou a atenção para as inconsistências jurídicas do Future-se: “este Programa está sob consulta pública e já foi rejeitado por várias universidades. A avaliação jurídica que temos é que este projeto vem para acabar com a autonomia das universidades e passar a gestão para as OSs. Ele irá aniquilar a forma como a universidade funciona hoje é totalmente inconstitucional e, fere mais de outras 16 leis”.

# Empoderamento da Mulher



## Brasília florida: 100 mil margaridas ocupam as ruas da capital federal

Mulheres de todos os Estados se reuniram nos dias 13 e 14 de agosto na cidade para a sexta edição da Marcha das Margaridas, maior ação de mulheres da América Latina

**Luciana Porto**

Quando o sol ainda nem aspira acordar, Antonieta Souza Santos já está de pé para cuidar dos seus afazeres na agricultura e artesanato. Moradora do Assentamento Canudos (criado pelo Incra na divisa dos municípios de Palmeiras de Goiás, Campestre e Guapó), aos 73 anos ela carrega no corpo as marcas da luta pela terra e pelos direitos das mulheres. Militante do Movimento Sem Terra (MST) por décadas à fio, Antonieta participou pela primeira vez da Marcha das Margaridas. A primavera chegou mais cedo à capital federal. Nos dias 13 e 14 de agosto, Antonieta e um jardim de 100 mil margaridas floriram as largas avenidas da cidade planejada com tanto esmero por Juscelino Kubitschek.

Brasília foi palco da sexta edição da maior ação de mulheres da América Latina. A marcha teve a sua primeira edição realizada no ano de 2000 e acontece a cada quatro anos. O movimento é resultado da militância e engajamento de Margarida Alves, mulher do campo e defensora dos direitos dos trabalhadores rurais, que foi assassinada em 1983 pelo conflito com latifundiários. Este ano, a marcha trouxe como pauta o combate aos retrocessos sociais, o direito à terra, território, água e agroecologia; o fim da violência contra as mulheres e do racismo; pela a democracia, os direitos humanos e o respeito ao meio ambiente.

**Auxílio Adufg**

Antonieta foi uma das dezenas de passageiras dos dois ônibus disponibilizados pelo Adufg-Sindicato para transportar mulheres do cam-

po, lideranças sindicais e religiosas, e indígenas para a Marcha das Margaridas. A idosa conta que no Assentamento as mulheres desenvolvem um projeto chamado “Guerreiras do Canudos”, cuja união resulta na produção de artesanatos, cosméticos, alimentos e outros itens que garantem a subsistência da população local. Com os olhos marejados, Antonieta falou da emoção de participar da ação histórica. “Antes de vir para cá, nós discutimos todos os nossos problemas lá no Assentamento para trazer as nossas reivindicações. Nós temos um País com tantas riquezas naturais, mas uma nação sofrida e que ainda precisa de bons governantes. Eu chorei quando cheguei aqui e vi aquele mar de gente cantando.”

O canto que emocionou Antonieta faz referência a pluralidade do movimento: “Somos de todos os novos, de todo tipo de cabelo, grandes, miúdas, bem erguidas, somos nós as Margaridas” diz trecho da música oficial da Marcha e que foi entoada pelas 100 mil vozes em coro único. O primeiro dia do evento, 13 de agosto, foi reservado às delegações dos Estados. Acampadas no Pavilhão do Parque da Cidade Sara Kubitschek, as Margaridas participaram de mostras culturais, atos políticos e painéis expositores com as temáticas voltadas exclusivamente para o papel da mulher nos movimentos populares e no campo. Durante a noite, uma apresentação de danças, costumes e tradições culturais marcou a abertura oficial da Marcha 2019.

Na manhã seguinte, dia 14 de agosto, todas as margaridas já se organizavam por regiões do Brasil para

a caminhada em direção à Esplanada dos Ministérios. O jardim deixou o Pavilhão do Parque da Cidade por volta das 7h30, e de lá seguiu pelo Eixo Monumental, onde chegou a ocupar todas as faixas da via S1. Com placas que pediam o fim da violência contra a mulher, igualdade entre os gêneros, respeito ao meio ambiente, justiça social, democracia, demarcação de terras indígenas, moradia, saúde e Educação pública e de qualidade para todos e muitas outras reivindicações deram o tom político ao evento. Em cima dos trios elétricos, lideranças coordenavam gritos de empoderamento feminino: “pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem não pode com as mulheres, não atça o formigueiro!”.

**Entre Margaridas e Samambaias**

O projeto “Entre Margaridas e Samambaias”, nascido de uma disciplina de núcleo livre da Universidade Federal de Goiás (UFG), “Comunicação e Performances Culturais”, ministrada pela professora Luciene Dias, participou da ação. Com margaridas plantadas em um carrinho de mão, o grupo de estudantes chamou a atenção de quem caminhava pelo Pavilhão do Parque e também durante a Marcha. No dia 13, a delegação promoveu um ato visitando os acampamentos de todos os Estados apresentando o Projeto.

Aluna do curso de graduação em Jornalismo, Júlia Barbosa participou pela primeira vez do evento. “Sempre busco entender sobre o que estou escrevendo. Ler um artigo e estudar não é suficiente se eu não viver

a prática. Para mim, é imprescindível conhecer a história que eu narro. Como uma futura profissional, posso garantir que o jornalismo e a militância não se separam e foi muito bonito lutar junto com essas mulheres”, avaliou a estudante que também participa de coletivo que atua nos direitos das mulheres negras.

O exercício da cidadania foi um dos destaques do evento, de acordo com a professora Luciene. Ela explica que a presença do carrinho com as margaridas significa o vínculo com a terra, a realidade do campo, das florestas e das águas, jardim conceitual já criado durante a disciplina de núcleo livre. “O ato de marchar reúne em si uma ação de extensão dentro da universidade, acredito que a partir daqui vamos conseguir realizar várias outras atividades.”

Luciene pontuou, ainda, a troca efetiva entre os estudantes com quem constrói a pauta da Marcha: as próprias Margaridas. A docente comenta que a convivência com as mulheres participantes do evento foi uma lição de cidadania, pois elas sabem o que querem, constroem suas pautas e lutam pelos seus direitos. “Interagir com essas mulheres que estão lidando diariamente com a realidade do campo, das florestas e das águas significa trocar experiências e garantir um processo de aprendizagem pleno. É uma construção completa. Não é a universidade rompendo muros para oferecer serviços, mas sim a universidade rompendo muros para estabelecer trocas”.

# Empoderamento da Mulher



Fotos: Luciana Porto



No primeiro dia do evento, as delegações participaram de mostras culturais, atos políticos e painéis expositores. No segundo dia, os manifestantes saíram em direção à Esplanada dos Ministérios erguendo suas vozes na luta pela democracia, justiça social e soberania popular

# Após 25 anos, Comissão Própria de Avaliação colhe frutos com gestão assertiva

Implantada em meados da década de 90, CPA identifica principais pontos de melhoria que contribuem para a evolução da universidade



Fotos: José Abirão

O presidente da Comissão, Edward Guimarães Júnior, e a vice-reitora da UFG, Sandramara Matias Chaves, apostam em processo avaliativo

## Luciana Porto

Em abril deste ano, o Brasil completou 15 anos da criação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), que analisa as instituições, os cursos e o desempenho dos estudantes. No entanto, a Universidade Federal de Goiás (UFG) foi precursora à legislação, e vem promovendo a avaliação há 25 anos. A Comissão Própria de Avaliação (CPA) da instituição foi implantada em 1994, sofrendo alterações ao longo dos anos em seu formato, metodologia de pesquisa e abordagem.

Atualmente, a CPA é incorporada à Secretaria de Planejamento e Avaliação e composta por membros representantes dos segmentos da comunidade universitária e da sociedade civil organizada. “A Lei do Sinaes trouxe um novo direcionamento para esse processo de avaliação da educação superior no Brasil. Recentemente, realizamos uma série de mudanças positivas em nossa comissão, colocamos novas ferramentas e instrumentos de pesquisa, temos uma nova roupagem”, explica o presidente da Comissão, Edward Guimarães Júnior.

De acordo com Guimarães Jr., a CPA tem como objetivo principal diagnosticar a instituição e a partir das informações adquiridas por meio das pesquisas, gerar “combustível para alimentar o processo de gestão”. Ele co-

menta que, na totalidade, cinco processos avaliativos são realizados: autoavaliação institucional (estudantes, professores e técnicos administrativos), autoavaliação discente (estudantes de graduação presencial e Educação à Distância), avaliação do desempenho didático do docente pelo estudante, avaliação da turma pelo docente e, recentemente im-

*“Antes mesmo de ser obrigatória a realização desse processo dentro das instituições federais de ensino superior, a UFG já o realizava por acreditar na importância da autorreflexão”.*

plantada, a autoavaliação docente. “É um momento de reflexão”, define o presidente.

## Coletividade

A vice-reitora da UFG, Sandramara Matias Chaves, ressalta que o caráter da avaliação não é punitivo, mas formativo. “Antes mesmo de ser obrigatória a realização desse processo dentro das instituições federais de ensino superior, a UFG já o realizava por acreditar na importância da autorreflexão”, explica. De acordo com ela, a CPA proporciona conhecimento, desenvolvimento e qualidade para a universidade, além de contribuir para uma

gestão mais assertiva. “Quando falamos em avaliação as pessoas normalmente se desesperam. Mas, é importante frisar que a comissão não avalia, ela coordena o processo de avaliação. Quem se avalia é o próprio estudante ou docente”, completa.

#OrgulhoDeSerUFG: a hashtag bastante usual nas redes sociais é também usada no contexto dos pro-

cessos de autoavaliação para frisar que a gestão da universidade é feita de forma coletiva, além de gerar também o sentimento de pertencimento da comunidade acadêmica, explica Guimarães Jr. O presidente da Comissão ressalta que a finalidade é despertar nas pessoas o sentimento de coletividade da construção da UFG.

## À prova

“Você faria outra disciplina com este professor?” Criticada por muitos docentes, a avaliação dos estudantes sobre os professores passou por reformulação para colocar à prova a veracidade das respostas. Segundo alguns ques-

tionamentos, os discentes reprovados poderiam avaliar de forma inferior os docentes como forma de retaliação. No entanto, Pedro Cruz, que é Procurador Institucional e representante técnico-administrativo da CPA, afirma que a pergunta registrada no início deste parágrafo consegue mensurar se àquele professor tem a aprovação da maioria ou não.

“No processo que realizamos no ano passado conseguimos a participação de 11 mil alunos, foi um número recorde, e mais de 80% deles responderam que sim, cursariam outra disciplina com determinado professor. Na média, os nossos docentes estão sendo muito bem avaliados, nós conseguimos ver quando há algo de errado com a nota recebida por eles. Não há motivos para preocupação”, pondera Cruz.

Outra crítica que chega muito à CPA é quanto a baixa participação dos estudantes nos processos de autoavaliação, o que de acordo com Sandramara não é a realidade. A vice-reitora comenta que, se analisados os dados quantitativos dos docentes e discentes que respondem às pesquisas, os números são semelhantes. “Nós quebramos essa falsa percepção de que o estudante não se interessa pela gestão da universidade. A questão é que normalmente o ser humano, de forma geral, não gosta de ser avaliado, tem resistência a isso. Mas, as pessoas deveriam encarar esse momento como uma oportunidade para refletir sobre as próprias ações e também para crescimento pessoal e profissional”, pondera.

# Fórum Estadual de Educação: de olho no ensino desde 1998

Fórum tem papel decisivo no acompanhamento das políticas públicas de educação em Goiás, mas ainda é pouco



Foto: Jean Souza

Membros do Fórum se reúnem mensalmente para acompanhar as pautas da educação em todas as esferas educacionais

## José Abrão

Criado em 1998, o Fórum Estadual de Educação de Goiás é fruto da Lei Complementar Nº 26, diferente da maioria dos fóruns que só foram criados a partir de 2010 pelo Fórum Nacional de Educação. “Como nós tivemos essa Lei de Diretrizes e Bases (LDB) estadual, já estávamos adiantando muita coisa que só foi feita pelos outros estados e pelo Governo Federal em 2010. Nosso fórum nasceu na perspectiva de se institucionalizar um fórum que acompanhasse toda a educação do estado”, conta a professora aposentada do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae) e atual coordenadora do Fórum, Gene Lyra.

Seu objetivo é acompanhar os Planos Estaduais de educação, que costumam ser decenais. O Fórum monitora as políticas educacionais, verifica como está o andamento em relação às metas e os prazos, mas não é deliberativo. “Nós temos muitas dificuldades de fazer esse acompanhamento por conta de dados. Às vezes os dados das secretarias, sejam da municipal de Goiânia, quanto à estadual, demoram para chegar. A cada quatro anos fazemos conferências ou audiências públicas para mostrar como está o plano”, disse a professora.

Apesar de toda esta história, o Fórum ainda é pouco conhecido pelos professores da UFG. “Até mesmo dentro da Faculdade de Educação são poucos os docentes que sabem

sobre o Fórum e que se envolvem”, disse Gene, “é preciso que as pessoas tenham mais conhecimento do nosso papel neste momento de desmonte e de resistência. Mais do que isso: é necessário que elas queiram participar”. E as pessoas podem fazer isso, pois o Fórum é aberto, elas podem ir nas reuniões, darem suas opiniões, e denunciarem problemas que estão acontecendo em escolas ou em faculdades. O Fórum não pode deliberar, mas age junto à entidades e órgãos responsáveis. “É um espaço de acompanhamento de todas essas políticas e as pessoas devem saber que ele existe. Podemos receber denúncias e tomar providências”, afirma Gene, “se for algo na educação básica a gente chama o Sintego, repassamos o que está acontecendo. Podemos também procurar o Ministério Público para fazer as denúncias”.

Muitos nem sabem como o Fórum funciona. O acompanhamento é feito por uma comissão que tem membros da Secretaria Estadual de Educação e um integrante da Assembleia Legislativa. O Fórum é composto por 14 instituições com um representante, sem suplente. Outras entidades querem participar, mas a minuta sobre a expansão do Fórum ainda tramita no governo estadual. Enquanto isso, tais entidades, incluindo o Adufg-Sindicato, estão participando como colaboradores desde 2010, atualmente representada pela professora Geovana

Reis que responde pela Diretoria de Assuntos Educacionais, de Carreira e do Magistério Superior do Sindicato. “Nós temos feito várias discussões em relação às políticas educacionais que estão sendo desenvolvidas, tanto em nível nacional quanto no estado e em alguns municípios. Uma das coisas fundamentais que o Fórum tem se dedicado é o debate em torno do chamado novo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb). Estamos discutindo a nova legislação do Fundeb, que prevê a transformação do Fundeb em uma lei da constituição federal”, afirma Reis.

“Eu acho que para além de ter essa unidade, é a capacidade que o Fórum tem de ampliar a discussão da educação, de colocar as questões da educação do estado de Goiás na tônica dos debates. Esse é o maior papel que o Fórum Estadual tem na educação”, disse a professora da rede municipal de educação e representante do Fórum de Educação de Jovens e Adultos, Cláudia Borges. Esta visão reflete a opinião dos demais membros que enxergam o Fórum como um aglutinador de pautas, especialmente no atual contexto político: “eu acho que tanto professores, professoras, auxiliares e técnicos administrativos e estudantes de um modo geral, da rede pública de ensino quanto das instituições privadas de ensino estão aí ombreadas na

luta contra os ataques à Educação, contra as medidas desse governo que estão direcionadas à destruição da educação pública”, disse Alan Francisco de Carvalho, representante do Sindicato dos Professores do Estado de Goiás (SINPRO – Goiás). “Nós vivemos um momento de total apatia da sociedade brasileira, por muitas incertezas que nós temos. Vem um conjunto de leis por medida provisória, muitas questões autoritárias e o que acontece?”, questiona a professora Iria Brzezinski, representante da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).

## Apoio

Por outro lado, a docente Gene conta que desde o governo Temer houve um desmonte do Fórum Nacional de Educação, que por sua vez impactou indiretamente os fóruns estaduais que tiveram que se posicionar e reorganizar, mas que isto mudou no novo governo estadual. “Em Goiás, a gente viu o interesse da nova secretária da Educação. Há o interesse deles em fazer esse acompanhamento também, houve uma procura da própria Secretaria de Educação pelo Fórum, de uma repactuação. Estamos caminhando em boas relações”, revela Gene. Neste espírito, eles agora esperam que a pasta dê apoio ao Fórum: “logístico, material, que não estávamos tendo nos últimos governos. Quem tem proporcionado esse apoio é a Faculdade de Educação da UFG”.

# Orquestra Barroca da UFG leva conhecimento para o palco

Projeto de extensão criado pelo professor David Castelo da Emac recria composições do século XVIII que se aproximam da performance da época

José Abrão

Vivaldi, Bach, Telemann: estes são alguns dos compositores trabalhados pela Orquestra Barroca da UFG, projeto da Escola de Música e Artes Cênicas (Emac) coordenado pelo professor David Castelo. Criada em 2017, a orquestra só passou a ter uma agenda mais estável de apresentações este ano: foram três concertos até agora e pelo menos mais um está planejado para outubro. Portanto, não se sinta mal se ainda não a conhecia. “Na hora que as pessoas descobrem elas acham incrível”, brinca Castelo. Toda sua carreira acadêmica foi voltada para o estudo de música antiga e a formação da orquestra é um sonho antigo. Ele resume que o papel da orquestra é “o estudo da performance historicamente informada que é a recriação do repertório de épocas passadas à luz dos meios e das informações de cada época”.

Entre os compositores é possível notar ligeiras diferenças na instrumentação, na altura do diapasão, nas articulações usadas e nas próprias plantas dos instrumentos. “Uma flauta doce francesa era muito diferente da alemã, que era diferente da italiana”, exemplifica. É importante ressaltar que eles não recriam com integralidade aquilo que era feito na época. “Isso não é possível. Nos aproximamos. Lidamos com meios próximos, fac-símiles de partituras de época, com a tratadística da época”, explica Castelo.

A orquestra faz todo o trabalho de musicologia, checando os acervos e arquivos, lendo ou senão escrevendo a tratadística, até o momento da apresentação. “Nessa cadeia, todas as etapas são indispensáveis, desde o musicólogo que vai no arquivo descobrir as obras, passando pelo entendimento daquele texto, muitas vezes por uma edição crítica daquele material. Desde este momento mais arqueológico, digamos assim, até que começamos a fazer a tradução disso para a execução”, afirma.

É um trabalho teórico e prático complicado. “A expressão musical



Foto: José Abrão

*David Castelo e sua orquestra usam instrumentos nos moldes antigos para obter um tipo diferente de sonoridade*

tem elementos tangíveis. Dinâmica, timbre, articulação, altura, afinação. O leigo tende a achar que ela é simplesmente fruto de um sentimento”, disse o professor, “é óbvio que aquilo que é tocado atinge as pessoas, causa uma sensação, mas quando a gente constrói uma interpretação musical, ela é feita a partir de critérios muito tangíveis. Essa parte da recriação é tremendamente complexa”.

Ele conta que no trabalho de pesquisa sempre serão encontradas lacunas de informação sobre estes repertórios e que serão pelo menos parcialmente sanadas por meio do trabalho de recriação. “E mesmo onde não há essas lacunas de informação a respeito da expressão, a maneira como a gente

isso num instrumento moderno, que tem muita projeção, não casa”.

Mesmo para as pessoas que não são conhecedoras é possível notar a diferença: os instrumentos barrocos são meio tom mais grave que os modernos, com mais ressonância e menos projeção. Dito isso, é muito importante ter em mente que estes instrumentos são caríssimos, especialmente os originais. Portanto, é necessário fazer algumas concessões. “Existem [instrumentos originais em circulação]. A gente tem um instrumento em particular que é original do século XVIII que é um violoncelo”, revela Castelo, que comprou ele mesmo, aos poucos, os instrumentos da orquestra.

A orquestra hoje tem uma composição mais enxuta, o suficiente para tocar alguns repertórios dos principais compositores sem a necessidade de uma composição mais robusta. Ela é formada tanto por alunos quanto por professores, inclusive docentes que não são da UFG. “A orquestra é aberta para quem quiser participar. Ela não é uma disciplina”, disse Castelo, “Tivemos bastante público nos concertos, isso foi muito bacana. Outras parcerias vão surgir e elas são absolutamente bem-vindas”.

Um dos focos da pesquisa de Castelo é resgatar e tocar compositores brasileiros. Ele conta que há instrumentos, partituras e composições brasileiras, especialmente mineira e mesmo goiana, mas que não são conhecidas do grande público. Antes de vir para Goiânia, ele chegou a montar uma orquestra barroca em São Paulo que realizava concertos principalmente com repertório nacional: “na época eu dediquei a orquestra principalmente à música mineira do século XVIII que é um repertório que eu tenho muito apresso”.

alinhas essas informações acaba se dando por opções e elas são pessoais, que é outro aspecto fantástico”, afirma.

É muito importante a aproximação com os instrumentos musicais da época, seja através de instrumentos originais, ou de instrumentos modernos feitos nos moldes barrocos. “Essas características estruturais têm um impacto tremendo e concreto no timbre e na articulação destes instrumentos”, elucida, “por exemplo, um repertório francês do alto barroco tem instrumentos com muita ressonância e o compositor constrói sua obra partindo do princípio que essa ressonância estará presente e a gente toca

# “Há pouco diálogo com a sociedade, vamos tentar ampliar isto”, diz novo presidente da União Nacional dos Estudantes

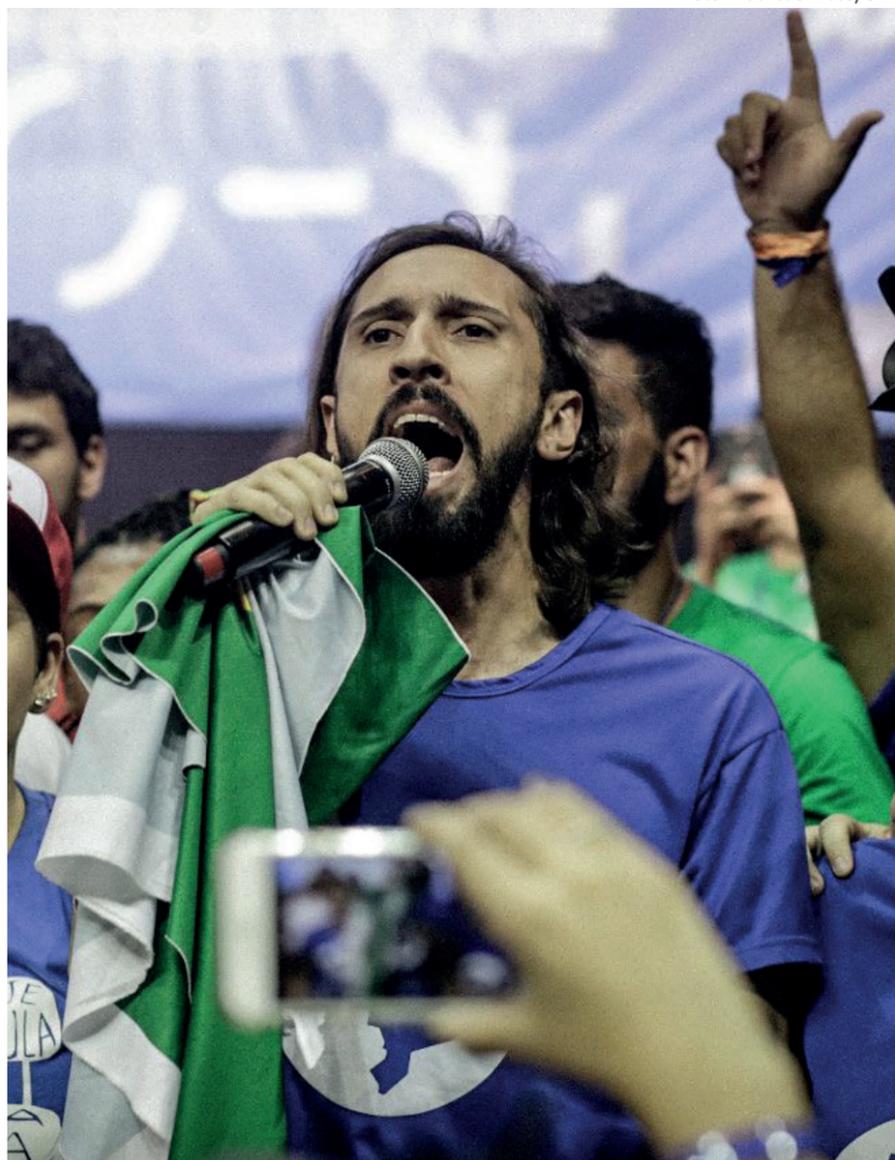
O goiano Iago Montalvão assume a presidência da UNE diante de um cenário conturbado com acirramento de ânimos entre o Governo Federal e os estudantes

José Abrão

Eleito com 70% dos votos, o estudante Iago Montalvão foi escolhido como novo presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE) para os próximos dois anos. Graduando do curso de Economia na Universidade de São Paulo (USP), Iago é goiano e filho do ex-presidente do Adufg-Sindicato, professor Romualdo Pessoa. Como o pai, ele se engajou ainda cedo no movimento estudantil e agora tem à sua frente uma liderança difícil, já que o Governo Federal não recebe o movimento estudantil. Logo após a votação, Iago e outros estudantes foram recebidos a bombas de gás no Ministério da Educação (MEC) enquanto tentavam acompanhar a primeira reunião sobre o Future-se, Programa que é o ponto de contenda mais recente imposto pelo governo na esfera da educação. Conversamos com ele logo após a eleição sobre esta e outras questões nas quais o movimento estudantil se posiciona.

**Jornal do Professor: Vendo o Future-se em primeira mão, o que você pensa disso? O que a UNE vai fazer?**

**Iago Montalvão:** Nós vamos estudar melhor este Projeto porque o que apresentaram ainda é uma coisa muito obscura. Foi uma apresentação genérica. Mas alguns pontos nos preocupam como por exemplo, a proposta de criação de um fundo soberano que acionistas poderiam investir para que desse fundo saísse parte do orçamento da universidade, ou parcerias de professores e projetos de pesquisa com empresários para receber recursos e mesmo o uso de Organizações Sociais (OSs) para serviços básicos e administrativos. Isso é uma forma de privatização e terceirização da universidade pública que vai contra os interesses públicos e da universidade, são os interes-



Iago na votação que o elegeu presidente durante congresso da UNE, em Brasília

ses de particulares que predominam. Mas sobretudo o problema é que não dizem qual é a contrapartida: empresário nenhum financia sem esperar um retorno. Essa é nossa preocupação, podemos perder nossa autonomia universitária e nossas descobertas de inovação para o setor privado.

**JP: Você percebeu um fortalecimento da UNE nestes últimos meses? Como os estudantes estão em relação ao movimento estudantil organizado?**

**Iago:** Com certeza. O mês de maio foi um marco para nós nesta conjuntura. Os estudantes

começaram a ir nas assembleias, a procurarem os Diretórios Centrais dos Estudantes (DCEs) e Centros Acadêmicos. A UNE convocou o ato do dia 30 e muitos alunos reconheceram este chamado. Nossas redes sociais cresceram muito, a identificação dos alunos conosco está maior e a imprensa passou a nos procurar com muito mais frequência. A UNE tem se tornado cada vez mais um ambiente para os alunos se encontrarem, se indignarem e se organizarem. No Congresso vimos muita gente nova chegando.

**JP: Como está a articulação de vocês com os outros**

**movimentos, especialmente a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e a Associação Nacional dos Pós-Graduandos (ANPG)?**

**Iago:** Estamos articulados, também com professores, técnicos-administrativos e servidores da educação básica. Temos uma circulação muito boa por esses movimentos porque a luta pela educação no País hoje é prioritária, pois o desmonte é muito claro.

**JP: Como foi aquela audiência em que o delegado Waldir não permitiu que os estudantes falassem?**

**Iago:** Os estudantes foram impedidos de falar e o ministro se retirou. Não há disposição nenhuma dele de dialogar conosco apesar deles disserem que podem.

**JP: O que você está planejando para a sua gestão? Há algo planejado nas universidades e DCEs?**

**Iago:** A tônica será a de mobilização de rua porque nós temos muito pouca esperança de que estas questões, estes ataques e retrocessos, sejam resolvidos pelo meio institucional. Acreditamos que as ruas e a organização estudantil são que o vai nos dar alguma forma de contrapor este governo, mas também de ganhar a população, ampliar a discussão com as pessoas, levar os nossos projetos acadêmicos para a população conhecer (no primeiro semestre fizemos várias ações neste sentido), usar suas pesquisas para mostrar o verdadeiro papel da universidade, que não é balbúrdia. Nossa agenda é de mobilização e diálogo com os estudantes e com a população. A sociedade ainda nos vê muito pouco, isso é um problema grande na universidade, há pouco diálogo com a população, vamos tentar ampliar isto cada vez mais.

# Preservando a cultura da estrada

Livro da professora Norma Simão Adad Mirandola reúne 1.308 frases de para-choques de caminhão



Professora Norma dá autógrafos em noite de lançamento na sede administrativa do Adufg-Sindicato

Todos nós conhecemos as famosas frases de para-choques de caminhão, pequenos dizeres que podem ir de “Deus é Fiel” a até títulos autocongratatórios, como “aventureiro da noite” e “águia da estrada”, mas o que mais chama atenção pelos “ditos” populares, como “se sua estrela não brilha, não tente apagar a minha” e piadinhas eróticas como “viúva é como lenha verde: demora mas pega fogo”. Estas são só algumas das 1.308 frases que a professora aposentada Norma Simão Adad Mirandola colecionou ao longo da vida. “Coleção, sim, pois desde menina sempre que via uma frase nova quando viajava logo a anotava no primeiro papel que encontrasse: lá se foram vários bloquinhos, papéis avulsos e até capas de talão de cheques. “Comecei a coletar as frases de para-choques de caminhão quando fui alfabetizada, elas me encantavam. Este livro é produto de um trabalho minucioso que começou na infância e se estendeu por 50 anos”, afirma Norma.

Esta coleção compõe o livro *Frases de Para-choques de Caminhão: seus saberes*, em ordem alfabética, com frases de todos os tipos. A professora, que é pesquisadora, folclorista e poeta, decidiu publicá-las ao perceber que de alguns anos para cá tais frases não são mais tão comuns, tendo praticamente desaparecido dos caminhões mais novos. “Em dado momento, sumiram as frases dos para-choques dos caminhões e fiquei assim, pensativa, se eu não deveria publicar, como pesquisadora, como professora e como folclorista. Me interrogando cheguei à conclusão que eu não deveria deixar morrer esta tradição”, conta. O motivo para este sumiço cabe à especulação, mas todo o registro disto que ela considera um tipo de sabedoria popular está agora a salvo e preservado nesta publicação.

A obra literária também traz 11 ilustrações feitas pelo cartunista Mariosan, conhecido por seu trabalho nos jornais impressos *Diário da Manhã* e *O Popular*. “Eu tinha em mente enriquecer o livro com ilustrações de cartunistas”, disse a professora, que encontrou

Mariosan por acaso na Pousada do Rio Quente, em Caldas Novas, e fez o convite. Ele quis ver o boneco do livro para decidir. “Ele começou a ler e riu muito. Foi assim que nasceu o interesse do Mariosan”, lembra a professora.

Natural de Catalão, Norma se tornou professora por vocação, começando a lecionar na sua cidade natal em 1953 e mais tarde vindo para Goiânia, onde trabalhou no Lyceu de Goiânia. Mais tarde, em 1964, se tornou docente na Faculdade de Educação da UFG e na então UCG, hoje PUC Goiás. “É uma realização de vida. Sempre pensei em pesquisar e me voltar à educação, principalmente para ver o crescimento intelectual e multifacetado da criança. Foi a carreira que eu abracei”, contou.

Se aposentou em 1991, mas aí começou a publicar seus livros. O primeiro, *Vegetais Tintoriais do Brasil Central* (1991), foi feito com o marido, agrônomo, Agostinho Mirandola Filho. Depois veio o seu livro mais conhecido, *As Tecedeiras de*

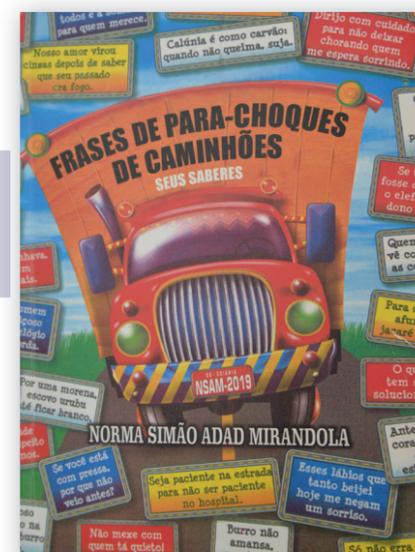
Goiás: estudo linguístico, etnográfico e folclórico (1993), que vai ganhar este ano uma segunda edição e se tornou referência do trabalho de pesquisa da professora: “sempre fui interessada no *modus vivendi* do povo”. Só muito tempo depois foi para o seu terceiro livro, o primeiro sem teor acadêmico: *Poemas Escolhidos*, com lançamento na sede do Adufg-Sindicato, em 2015.

*Frases de Para-choques de Caminhão: seus saberes* teve um lançamento agitado no dia 22 de agosto, novamente na sede do Adufg-Sindicato. O evento contou com apresentação da pianista, regente e professora emérita da UFG, Maria Lucy Veiga Teixeira, a Dona Fifia, amiga de longa data da autora e fundadora do Conservatório Goiano de Música, em 1955, que cinco anos depois viria a integrar as cinco unidades fundadoras da UFG. “Há muitos anos ela dizia ‘eu quero tocar em um lançamento de um de seus livros’. Era uma promessa e eu cobreí”, brinca a professora Norma.

## Frases de Para-choques de Caminhão: seus saberes

**Norma Simão Adad Mirandola**

Editora Kelps / 124 páginas



## Comunidade acadêmica repudia o Programa Future-se



Assembleia aconteceu em frente a Reitoria e reuniu 600 pessoas

Em Assembleia Geral Extraordinária promovida no dia 22 de agosto pelo Adufg-Sindicato e

pelo Sindicato dos Trabalhadores Técnico-Administrativos em Educação das Instituições Federais de

Ensino Superior do estado de Goiás (SINT-IFESgo), docentes, estudantes e servidores aprovaram carta de repúdio ao Programa Future-se. O documento elaborado em conjunto com o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFG e Associação Nacional de Pós-Graduandos (APG) também foi apresentado na reunião realizada no dia 23/08 pelo Conselho Universitário da Universidade Federal de Goiás (Consuni-UFG), que também divulgou nota se posicionando contra o Programa.

Durante a Assembleia, o professor Nelson Cardoso do Amaral explicou à comunidade acadêmica como funcionaria, na prática, o Future-se. Para ele, a principal questão inconstitucional do Programa é com relação à autonomia de gestão financeira das universidades do País. Ele

destacou que o projeto propõe que as instituições de ensino tenham autonomia financeira e não autonomia de gestão financeira, o que significa que as universidades devem captar os próprios recursos para suas manutenções e desenvolvimentos.

E, mais uma vez, o presidente do Adufg-Sindicato, Flávio Alves da Silva, se posicionou contra o Programa apelidado como "Future-se". "A aprovação desse projeto pode significar o fim do Ensino Superior gratuito, o que prejudica principalmente as famílias de classes média e baixa. Esse governo quer acabar com as universidades públicas, o Future-se é um Projeto de destruição do ensino, da pesquisa e da ciência."

A carta de repúdio e a nota do Consuni podem ser lidas a íntegra no site do Adufg-Sindicato.

## ICB recebe palestras sobre o Projeto

O Instituto de Ciências Biológicas (ICB I) também debateu sobre o Programa Future-se. No último dia 19 de agosto, o auditório Carlos Chagas recebeu duas palestras de esclarecimento sobre o projeto do Governo Federal para flexibilizar o financiamento e a gestão das universidades federais. As falas foram do professor Geci José Pereira da Silva, docente do Instituto de Matemática e Estatística (IME) e também membro da diretoria da Proifes-Federação, e do advogado do Adufg-Sindicato, Elias Menta.

Em sua fala, o professor Geci José pontuou o histórico de ataques do Governo Federal à Educa-

ção ao longo deste ano e detalhou, ponto a ponto, os problemas de cada artigo do Future-se. Ele lembrou que o Future-se foi quase "imposto", já que foi proposto sem qualquer consulta à Andifes, à Proifes, ou qualquer outra entidade representativa da categoria docente.

Menta destacou principalmente as inconsistências jurídicas do que foi proposto, e concordou inteiramente com a fala de Geci: "As Organizações Sociais não são um mar de rosas, há muitas questões que surgem dessa simbiose entre público e privado. Foram inúmeros os problemas na Saúde em todo o País, inclusive em Goiás", chamou a atenção.

## Quintart encerra agosto com samba e churrasco

Música de qualidade, boa conversa e churrasco. Assim foi a última sexta-feira dos docentes que compareceram ao Quintart do mês de agosto. O evento realizado mensalmente pelo Adufg-Sindicato aconteceu no dia 30 no Espaço de Cultura, Lazer e Saúde. O tradicional happy hour foi animado pelo som da Banda Denço, que conquistou o público com clássicos da música brasileira e releituras de outros estilos para o samba.

A professora aposentada da Faculdade de Artes Visuais (FAV), Edna Goya é frequentadora assídua do evento. Ela comenta que os Quintarts são os momentos que ela tem

para encontrar os colegas de profissão. "Nós aposentados nos afastamos muito do contexto da universidade, acho que faz bem para a nossa saúde conversar, se divertir, encontrar os amigos e fazer novas amizades", disse.

De acordo com a Diretora de Assuntos Educacionais, de Carreira e do Magistério Superior do Adufg-Sindicato, Geovana Reis, o Quintart é, atualmente, o evento cultural mais importante da instituição. "Todos os meses os professores esperam e reservam na agenda a última sexta-feira para se confraternizarem aqui no Sindicato", explicou.

## Morre o professor e maestro Jarbas Cavendish

O cenário da música no Brasil brilha um pouco menos agora. A Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (Emac-UFG) e todos os amantes da boa música perderam no dia 25 de agosto, o maestro, arranjador, compositor e professor Jarbas Cavendish Seixas. O pernambucano era graduado pela Universidade do Rio de Janeiro (Unirio), mestrando em Música Brasileira e docente auxiliar na Unirio. Na Emac, ele foi responsável pela disciplina 'Prá-

ticas Instrumentais' e coordenou o Núcleo de Música Popular.

Em março deste ano, o Jornal do Professor veiculou reportagem especial sobre o novo DVD da Banda Pequi, projeto de extensão vinculado à Emac e encabeçado por Cavendish. Na ocasião, o artista esbanjava orgulho e felicidade por entregar ao público um trabalho que coroou os 19 anos dessa história. A reportagem completa pode ser lida no site do Adufg-Sindicato.



Professor Jarbas Cavendish no estúdio da BandaPequi

# Dos palcos à carreira de docente

Formado pela ECA da USP, Robson se tornou referência na obra do dramaturgo irlandês Samuel Beckett no Brasil e lutou pela criação de uma pós-graduação interdisciplinar na UFG

**José Abrão**

Nascido no Rio de Janeiro em 1952, mas com pais de Ibitinga e Piracicaba, o professor Robson Corrêa de Camargo passou seus primeiros oito anos de vida no Campo dos Afonsos por causa do pai que era da aeronáutica. Teve toda uma infância de criança livre pra correr na rua, já que “era um lugar muito ermo, quase não tinha casa, não tinha nada”. Em 1960, se mudaram para a avenida Santo Amaro na Vila Nova Conceição, hoje um dos endereços mais caros de São Paulo, mas que na época era um “lugar afastado, com poucas moradias, jogava bola na rua. Inundava, só tinha gente de classe média baixa. Quem diria, né?!”.

Daí em diante, toda sua formação de adolescente foi no colégio estadual Alberto Levy, que possuía várias atividades, incluindo teatro e um jornal, e o professor se envolveu com as duas coisas. Este contato despertou vários interesses: “fiz três vestibulares. Pra Sociologia, pra História e pra Comunicação e Arte”. No fim das contas optou pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), que assim como o Alberto Levy, abriu diversas portas e se tornou sua nova casa, onde regressaria para fazer tanto o mestrado quanto o doutorado. “Era uma escola difícil de entrar, mais do que Engenharia, e que era meio interdisciplinar naquela época. Tinha pessoal de propaganda, de cinema, de teatro, etc. Então você ficava um ano e meio tendo aulas muito diferentes, com gente boa de cinema, de televisão, e no frigidinho eu me encantei pelo curso de teatro”, relembra.

Ele já fazia teatro na escola e encontrou um terreno ainda mais rico na faculdade, embarcando rapidamente em diversas peças, principalmente como diretor. O próprio ambiente da ECA era muito criativo: “A ECA era uma escola muito livre. Cheia de bicho grilo, gente com militância, tinha de tudo. Se você fosse na sociologia, na ciência política, era só aquele pessoal combativo, cabeludo e barbudo”. Isso foi entre 1972 e 1976, na ditadura. “Tudo era proi-



Foto: Luciana Porto

*Robson em sua casa: hoje o professor está se aposentando, mas deve continuar na pós-graduação e envolvido com grupo Máskara*

bido. As atividades culturais eram as únicas em que você podia juntar gente, porque você estava fazendo teatro. Havia muitos grupos de teatro e as peças lotavam. Tinha muito essa cultura”, conta.

Entre os episódios marcantes na USP, o professor recorda a primeira greve estudantil na época, que tirou o poder do diretor da ECA, Manuel Nunes Dias, um integralista. “Gente fina”, ironiza. Posteriormente, o segundo episódio, que foi o assassinato do jornalista Vladimir Herzog, que era docente. “Foi uma loucura. O Herzog não era militante nem nada, ele era nosso professor. O pessoal veio buscar ele na USP, tinha nada a ver com guerrilha, não estava na ilegalidade. Na segunda-feira voltamos para a aula e ficamos sabendo o que aconteceu. Foi um choque muito grande ter um professor nosso preso e assassinado”, disse.

Quando se formou e saiu da ECA, a carreira acadêmica não lhe atraiu à primeira vista, queria se dedicar à vida artística. Mas a vida de artista era e continua sendo uma luta morro acima. “Eu queria fazer teatro! Mas o tempo passa, lógico. O profissional não te dá aquela sustentação de 13 salários ao ano, fui dar aula, na periferia de São Paulo”, relembra, “gostei muito de dar aula. Era quase como ser diretor, em cer-

to sentido”. Em 1979 foi aprovado como professor de Arte pelo Estado de São Paulo e ficou lecionando até 1987 no Alberto Levy, mesmo colégio em que estudou.

Em 1982, voltou à ECA para o mestrado, em que “apanhei pra burro. Eu era um artista, nem sabia o que era ser um acadêmico”, conta, “mas tive bons professores. Apanhei direito. Me ensinaram a muito custo como ser professor e pesquisador”. Depois de titulado, já sai em busca de concursos, até passar na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). “A única coisa que eu estranhei é que, naquela época, a vida social na universidade era uma, e na cidade era outra, elas não se misturavam”. Também teve dificuldade em formar grupo de teatro, “nada dava certo, não juntava gente”.

Ficou por lá até 1999, após várias dificuldades causadas pelo governo Fernando Henrique. “Abri um curso de teatro lá, levei três anos pra isso, fazendo pesquisa e conseguimos no máximo dois professores então comigo eram três professores para um curso de graduação. Era uma briga, não queriam me deixar sair, não se contratava substituto... saí e fui terminar meu doutorado, sempre na USP”, conta. Fez parte do doutorado nos EUA, onde ficou por cinco anos. Quando regressou,

foi convidado por uma professora da UFG e veio, primeiro como professor substituto e um ano depois como efetivo.

Por aqui deu início ao grupo de pesquisa Máskara, que ficou conhecido na cena principalmente por realizar diversas montagens de Nelson Rodrigues e Esperando Godot, obra mais conhecida do importante dramaturgo irlandês Samuel Beckett. “Quería montar um grupo de trabalhasse com o que a gente chama de teatro de arte. Ou seja, um grupo de pesquisa, que não está preocupado com bilheteria, que vai montar textos que são experimentais”, disse. Daí veio Esperando Godot, resultado de uma preparação de três anos. “As pessoas adoraram, mais do que eu esperava. Quando você trabalha com teatro experimental, você tem às vezes três, cinco pessoas na plateia. Faz parte, não fico triste por isso. Mas não, estreamos em 2005 e apresentamos até 2007, e só acabou porque os atores se cansaram, senão eu estaria apresentando até hoje”, celebra.

Outro desafio foi que Robson queria criar uma pós-graduação. “Mas naquela época, com poucos professores, tinha pouca gente com massa crítica: publicação, etc, e pessoal de teatro quase não tinha”, conta. Surgiu então a ideia de fazer uma especialização que fosse interdisciplinar, com as performances culturais como eixo organizador que permitiria agregar pesquisas em História, Antropologia, Ciências Sociais, etc. O desejo de adotar uma perspectiva interdisciplinar tem origem certa: “eu já tinha uma experiência interdisciplinar de um monte de coisas em toda a minha formação na USP”. O programa foi aprovado e bem recebido, não só com muita procura, mas com nota 4, o que permitiu a abertura do doutorado logo na sequência. “Hoje estamos com outro quadro. Seu caráter interdisciplinar continua”, conta.

Agora o professor está se aposentando, “mas a universidade tem uma vantagem, em que posso continuar trabalhando em algumas coisas. Pretendo continuar trabalhando na pós-graduação, no grupo de pesquisa e na montagem de peças teatrais. Quero pegar apenas o lado bom da coisa”, finaliza.